

# O DISCURSO FEMININO NA REVOLUÇÃO FRANCESA E A OPRESSÃO EM JORGE AMADO

## FEMALE DISCOURSE IN THE FRENCH REVOLUTION AND OPPRESSION IN JORGE AMADO

Maria Angélica Rocha Fernandes<sup>1</sup>

Claudia Madalena Feistauer<sup>2</sup>

**Resumo:** Marie Gouze (1748-1793) viveu na França e lutou pelos direitos dos excluídos: escravos, pobres, mulheres. Ela adotou o nome de Olympe de Gouges para poder assinar seus panfletos de protesto e escreveu várias petições liderando frentes de luta por melhores condições para a mulher. Com base na Declaração Universal dos Direitos do Homem, ela elaborou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã numa tentativa de compensar as injustiças às quais a mulher sempre foi submetida. Como aceitar que a Revolução Francesa alicerçada nos princípios racionais e questionadores do Iluminismo tivesse ainda mantido diferenças entre homens e mulheres? Por isso, resolveu expor seus direitos naturais, inalienáveis e sagrados em uma declaração. Suas palavras ressoam a voz de mulheres relegadas à condição de inferiorização. Olympe de Gouges teve sua voz calada pela intolerância dos homens que buscavam “igualdade, liberdade e fraternidade”, sendo decapitada numa fria manhã de novembro. Considerando que as palavras trazem em si um conteúdo ideológico inerente, vale buscar o conteúdo ideológico presente no texto escrito por essa corajosa mulher num mundo dominado por homens. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 2003, p. 95). No romance de

---

1 Doutora em Educação, Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Brumado-BA

2 Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Brumado-BA

Jorge Amado, a violência contra a mulher aparece como uma constante que ecoa séculos depois. Em *Gabriela, Cravo e Canela*, a personagem Sinhazinha é assassinada pelo marido que a surpreende em adultério; em *Tereza Batista Cansada de Guerra*, a protagonista é vendida pela própria tia a um fazendeiro pedófilo ainda na adolescência. *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Tieta do Agreste*, embora com tons distintos, também retratam a opressão e a violência simbólica sofrida pelas mulheres em uma sociedade patriarcal. Essas narrativas literárias, escritas nos séculos XX, ecoam a luta de Olympe de Gouges no século XVIII.

**Palavras-chaves:** Olympe de Gouges. Discurso. Ideologia. Jorge Amado. Violência de gênero.

**Abstract:** Marie Gouze (1748-1793) lived in France and fought for the rights of the excluded: slaves, women. She adopted the name of Olympe de Gouges to be able to sign her protest pamphlets and wrote several petitions leading fronts of struggle for better conditions for women. On the basis of the Universal Declaration of Human Rights, she drafted the Declaration of the Rights of Women and Citizens in an attempt to compensate for the injustices to which women have always been subjected. How to accept that the French Revolution, based on the rational and questioning principles of the Enlightenment, still maintained differences between men and women? Therefore, she decided to expose her natural, inalienable, and sacred rights in a statement. Her words resonate with the voice of women relegated to the condition of inferiorization. Olympe de Gouges had her voice muted by the intolerance of men seeking “equality, freedom and fraternity,” being beheaded on a cold November morning. Since words have inherent ideological content, it is worth pursuing the ideological content present in the text written by this brave woman in a world dominated by men. “The word is always loaded with a content or an ideological or experiential meaning. This is how we understand words and only react to those that awaken in us ideological or life-related resonances” (BAKHTIN, 2003, p. 95). In Jorge Amado’s novels, violence against women appears as a constant that echoes centuries later. In *Gabriela, Clove and Cinnamon*, *Sinhazinha* is murdered by her husband who catches her in adultery;

in Tereza Batista: Home from the Wars, the protagonist is sold by her own aunt to a pedophile farmer while still a teenager. *Dona Flor and Her Two Husbands* and *Tieta of Agreste*, despite having distinct tones, also portray the oppression and symbolic violence suffered by women in a patriarchal society. These literary narratives, written in the 20th century, echo the struggle of Olympe de Gouges in the 18th century.

**Keyword:** Olympe de Gouges. Ideology. Speech. Jorge Amado. Gender violence.

## INTRODUÇÃO

Marie Gouze (1748-1793) viveu na França e lutou pelos direitos dos excluídos: escravos, pobres, mulheres. Ela adotou o nome de Olympe de Gouges para poder assinar seus panfletos de protesto e escreveu várias petições liderando frentes de luta por melhores condições para a mulher. Segundo Lobo (2005, p. 150):

Reclamou o direito de voto às mulheres, o direito de exercer um ofício e o reconhecimento das uniões concubinárias. Advogou pela abolição dos escravos negros por melhores condições para a maternidade e contra a pena de morte. Propôs um referendo sobre a escolha do sistema de governo.

Com base na Declaração Universal dos Direitos do Homem, ela elaborou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã numa tentativa de compensar as injustiças às quais a mulher sempre foi submetida. Como aceitar que a Revolução Francesa alicerçada nos princípios racionais e questionadores do Iluminismo tivesse ainda mantido diferenças entre homens e mulheres? Como aceitar que as mulheres que lutaram lado a lado com os homens na Revolução contra a tirania da monarquia tão poderosa fossem colocadas em situação igual ou pior do que a que se encontravam antes da Revolução? Por isso, resolveu expor seus direitos naturais, inalienáveis e sagrados em uma declaração. Suas palavras ressoam as vozes de mulheres relegadas à condição de inferiorização. Olympe de Gouges

teve sua voz calada pela intolerância dos homens que buscavam “igualdade, liberdade e fraternidade” sendo decapitada numa fria manhã de novembro.

Considerando que as palavras trazem em si um conteúdo ideológico inerente, vale buscar o conteúdo ideológico presente no texto escrito por essa corajosa mulher num mundo dominado por homens. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 2003, p. 95).

Os discursos veiculados na sociedade produzem sentidos determinados pela ideologia. Em relação à mulher, construiu-se historicamente a condição de inferiorização. O homem exerceu seu poder de comando referendado pela sociedade e quando ameaçado reage utilizando violência simbólica ou física.

Elegeu-se a pesquisa bibliográfica para formulação do artigo que tem por finalidade colocar quem pesquisa em contato direto com tudo o que foi dito, escrito sobre o tema e sendo uma análise de discursos elaborados por uma autora do século XVIII na França, o material disponível é o bibliográfico.

## **A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA HISTÓRIA E NA LITERATURA AMADIANA**

As diferenças sociais que existem entre homem e a mulher em nossa sociedade são cada vez mais questionadas por várias camadas da população. O que se entende por subordinação feminina? É uma realidade social de três dimensões: econômica, política e simbólica. Basta olhar em torno e constatarmos que em nossa sociedade as mulheres não têm acesso às mesmas profissões que os homens ou não progredem tanto quanto eles na mesma profissão. No plano político, mulheres, que formam um pouco mais da metade da nação, possuem menos de 10% dos representantes do país na Assembleia Nacional. Enfim, no plano simbólico, cada dia os meios de comunicação de massa nos mostram imagens contrastadas do homem-sujeito e da mulher-objeto. Os estereótipos são ensinados na mais

tenra idade e estruturam de antemão a percepção da realidade social. A imagem da mulher como ser inferior, circunscrita ao espaço do lar com papéis bem determinados: esposa, mãe, “rainha do lar” da qual se espera atitude submissa se consolidou ao longo dos séculos e persiste até os nossos dias.

As contradições entre os sexos são certamente maiores do que as contradições entre as classes, embora não tenham dado origem àquelas. Mas, se as contradições dos sexos não deram origem às contradições de classes, elas se desenvolveram juntas, sem por isso se confundirem, mas se favorecendo mutuamente. Na sociedade feudal, por exemplo, um plebeu, mesmo livre, não podia se casar — nem mesmo tocar — com uma aristocrata. Esta desfrutava de um status social bem mais elevado que o de um plebeu, e evidentemente que o de uma mulher do povo. Um nobre, ao contrário, tinha direitos sobre as mulheres de seus dependentes; e os acumulava com os que tinham sobre as mulheres de sua própria linhagem, em que o matrimônio aparecia como elemento decisivo de sua estratégia para manter o poder e aumentar suas riquezas.

Vale salientar que a mulher, ao longo da história, foi vitimizada de diversas maneiras. Um dos estigmas que a marcaram foi a sua inferiorização frente ao homem. Na obra de Jorge Amado, essa violência se revela de forma contundente e realista. Em Tereza Batista Cansada de Guerra, a violência é tão concreta que as mulheres chegavam a ser vendidas como mercadoria, e este crime era justificado e naturalizado pela estrutura social. O crítico literário Alfredo Bosi (apud AMADO, 2008, contracapa) destaca que a narrativa é “crua e brutal, expondo as misérias humanas, as estruturas de poder e a opressão social”.

O conceito de masculinidade é construído pelo homem por meio de crenças culturais enraizadas na sociedade centralizadas na ideia de um estereótipo do homem “macho” que não deve ser frágil, não deve demonstrar sentimentos, etc. Dessa forma, eles têm que cumprir uma série de expectativas culturais, que, uma vez incorporadas, os levam a manifestar o papel de comando que foi determinado para eles.

As mulheres por sua vez, historicamente aprenderam a calar, a não denunciar, assumindo uma atitude conformista diante do sofrimento. A violência acontece em escalada e se manifesta com

maus-tratos físicos e/ou psicológicos e tem como objetivo manter o poder e o controle da relação da pessoa violenta sobre a pessoa violentada. Utilizada como forma de submeter a mulher ao domínio, apresentou-se desde sempre sob as mais variadas formas. A violência psicológica não deixa marcas aparentes e, portanto, é mais difícil de ser detectada. Expressa-se através de reprovações constantes e/ou indiferença. Mas todas essas manifestações passam uma mensagem de menos valia da mulher e de sua não legitimação como um ser com vontade própria.

Segundo Saffioti (1987, p. 18), a violência de gênero:

Violência de Gênero é tudo que tira os direitos humanos numa perspectiva de manutenção das desigualdades hierárquicas existentes para garantir obediência, subalternidade de um sexo a outro. Trata-se de forma de dominação permanente e acontece em todas as classes sociais, raças e etnias ... paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero.

Em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, a violência contra a protagonista não se restringe ao físico; ela é econômica, psicológica e moral. Vadinho, o primeiro marido, é descrito como um boêmio inveterado que não apenas subtrai o dinheiro do cofre do lar, mas também controla os ganhos de Flor, que sustenta a casa com suas aulas de culinária. As noites de farra de Vadinho são financiadas pelo suor do trabalho da mulher, configurando uma violência patrimonial. Além disso, as agressões verbais e os ciúmes doentios de Vadinho – que chega a humilhá-la em público – revelam a posse masculina sobre o corpo e a vontade feminina. Ainda assim, o romance expõe a complexidade dessa relação, mostrando como a própria Flor, mesmo após a morte do marido, sente falta da intensidade daquele amor violento, o que evidencia como a ideologia patriarcal pode ser introjetada pela própria mulher, que acaba por naturalizar a opressão. Essa ambiguidade dialoga com a luta de Olympe, pois demonstra que a submissão feminina não é apenas uma imposição externa, mas muitas vezes uma prisão interior, onde a “voz do outro” (o discurso masculino) se confunde com a própria voz.

Em *Tieta do Agreste*, a violência contra a mulher assume a forma do exílio e do linchamento

moral. A passagem em que o pai de Tieta a expulsa de casa é emblemática da dupla moral patriarcal. Ao ser descoberta tendo relações sexuais com um homem antes do casamento, Tieta não encontra perdão; é violentamente posta para fora do lar paterno, enquanto o homem envolvido – um comerciante da cidade – permanece impune e respeitado. A cidade inteira, movida pelo discurso hipócrita da moralidade, legitima a expulsão, transformando a menina em uma pária. Mais tarde, ao retornar à cidade já adulta e rica, Tieta ainda sofre a violência do julgamento social, sendo alvo de fofocas e da tentativa de silenciamento por parte dos poderosos locais. Essa passagem reflete com perfeição o que Bakhtin (2003) chama de signo ideológico: a palavra “desonrada” carrega um peso social capaz de destruir a vida de uma mulher, enquanto a mesma falta nas figuras masculinas é tratada como “vingança” ou “instinto natural”. A expulsão de Tieta é a versão nordestina da guilhotina de Olympe: ambas foram punidas por subverterem a ordem moral imposta pelos homens, e ambas tiveram seus atos ressignificados pela mídia e pela fofoca como “delírios” ou “imprudências”.

A violência atinge seu grau mais extremo e explícito em Tereza Batista Cansada de Guerra. A passagem do estupro de Tereza ainda na adolescência é um dos momentos mais brutais da literatura brasileira. Vendida pela própria tia como “empregada” para o coronel e fazendeiro, a menina é submetida à violência sexual de forma sistemática. O ato não é apresentado como um desvio, mas como uma prática comum na estrutura coronelista, onde o corpo da mulher pobre é uma mercadoria à disposição do poder masculino. A violência não termina no cárcere privado; Tereza é explorada, agredida fisicamente e constantemente ameaçada. O que Jorge Amado descreve não é apenas um crime individual, mas a manifestação de uma ideologia de classe e gênero, onde a mulher, especialmente a pobre e órfã, não possui direito à própria integridade. Essa passagem ressoa com a denúncia de Olympe de Gouges sobre o “soberano poder de oprimir o meu sexo”. Enquanto Olympe usava a palavra escrita para denunciar a opressão, Tereza usa a força da sobrevivência; mas ambas são silenciadas pela estrutura que as cerca. A literatura de Jorge Amado, ao retratar o cotidiano da sociedade baiana, expõe essa violência em sua forma mais crua e naturalizada. As passagens de seus romances não são meros artifícios ficcionais; são a materialização do discurso ideológico patriarcal que Olympe de Gouges tentou

subverter duzentos anos antes.

Já em Gabriela, Cravo e Canela, a violência se manifesta de forma mais sutil, mas igualmente perversa, na figura de Sinhazinha, assassinada friamente pelo marido, o coronel Jesuíno, ao ser surpreendida em adultério. A sociedade de Ilhéus, ao invés de condenar o assassino, legitima o crime como uma defesa da “honra” masculina. O corpo de Sinhazinha, morto e exposto, torna-se um aviso a todas as outras mulheres. Gabriela, por sua vez, vive sob a constante vigilância dos homens da cidade, que tentam enquadrá-la nas regras do casamento e da domesticidade. Sua liberdade sexual e sua autonomia são vistas como uma ameaça, e ela sofre violência psicológica constante, sendo tratada como um objeto de desejo ou uma propriedade do árabe Nacib.

Todas essas passagens – a agressão e o roubo de Vadinho, a expulsão de Tieta, o estupro de Tereza e o assassinato de Sinhazinha – são manifestações de um mesmo discurso ideológico: o que Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 39) define como “fios ideológicos” que tecem as relações sociais. A palavra “honra”, por exemplo, ou a palavra “propriedade”, ou a palavra “dever”, são signos que adquirem significados diferentes quando aplicados a homens e mulheres. A sociedade, através de seu repertório de formas de discurso, atribui ao homem o direito de punir e à mulher o dever de obedecer.

De acordo com Ardaillon e Debert (1987), violência contra a mulher quer dizer o uso de força física, psicológica ou intelectual para obrigar pessoa do sexo feminino a fazer algo que não está com vontade. A violência contra a mulher pode envolver desde pressão e chantagens psicológicas, ameaças de diversas naturezas, espancamentos, ou até mesmo a morte, e constitui-se como uma violação dos direitos humanos.

Vê-se claramente que as razões profundas da violência não estão numa conspiração dos homens contra as mulheres, mas isso não pode ser uma razão para ignorarmos as responsabilidades dos homens por conservarem e aproveitarem as vantagens de que eles gozam. Em Gabriela, Cravo e Canela, essa dinâmica fica evidente quando o coronel Jesuíno Mendonça mata a esposa Sinhazinha e seu amante, sendo absolvido pela sociedade local que legitima o “direito” do homem de defender sua honra. Como bem observa Candido (2012, p. 89), “a violência do coronelismo se manifesta também

na esfera doméstica, onde a mulher é tratada como propriedade do homem”. De forma semelhante, em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, Florípides sofre com a violência simbólica do primeiro marido, Vadinho, que a submete a constantes humilhações e desrespeitos, ainda que envoltos em uma atmosfera cômica. Tieta, por sua vez, em *Tieta do Agreste*, é expulsa de casa pelo próprio pai ainda jovem por ter sido “desonrada”, evidenciando a dupla moral patriarcal que punia a mulher e absolvía o homem.

## **O DISCURSO DE OLYMPE DE GOUGES: IDEAL DE IGUALDADE E O ECO NA FICÇÃO**

A mulher ao longo da história da humanidade protagonizou momentos de exclusão e inferiorização materializados por ações e discursos entrecortados pela ideologia da supremacia do homem em relação à mulher. Reconhecendo a ideologia como questão do discurso, Voloshinov citado por Miotello (2010, p. 169) define: “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras ... ou de formas sógnicas”.

Entendendo a ideologia pelo valor dialético, BAKHTIN/VOLOSHINOV, (2006, p. 44) reflete sobre o valor ideológico do signo, percebido como resultado de práticas sociais, visto que: “Cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social corresponde um grupo de temas”.

O signo é constituído por significados valorativos, cada grupo social imprime um significado próprio e cheio de valores semânticos que fazem sentido para aquele grupo específico, assim o signo faz parte de um complexo ideológico, é um signo ideológico, portanto.

Utilizando o signo ideológico e com base na Declaração Universal dos Direitos do Homem, Olympe elaborou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã numa tentativa de compensar as injustiças às quais a mulher sempre foi submetida. Como aceitar que a Revolução Francesa alicerçada

nos princípios racionais e questionadores do Iluminismo tivesse ainda mantido diferenças entre homens e mulheres? Como aceitar que as mulheres que lutaram lado a lado com os homens na Revolução contra a tirania da monarquia tão poderosa fossem colocadas em situação igual ou pior do que a que se encontravam antes da Revolução? Por isso, resolveu expor seus direitos naturais, inalienáveis e sagrados em uma declaração. Olympe utiliza a palavra como arma contra o preconceito, sendo que a palavra permeia todas as relações:

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p.39).

No Preâmbulo da Declaração ela questiona a “justiça” do homem que oprime a mulher através de sua supremacia, assinalando que:

Homem, sabes ser justo? É uma mulher que te pergunta: não quererás tolher-lhe esse direito. Dize-me quem te deu o soberano poder de oprimir o meu sexo? A tua força? As tuas capacidades? Observa o Criador na sua sabedoria; percorre a natureza em toda sua grandeza, da qual pareces querer aproximar-te, dá-me, se puderes, um exemplo desse domínio tirânico. Considera os animais, consulta os elementos, estuda os vegetais, lança enfim um olhar sobre todas as modificações da matéria organizada e rende-te à evidência quando te ofereço os meios para isso; procura, escava e distingue, se puderes. Os sexos na administração da natureza. Em toda parte tu os encontrarás amalgamados e cooperantes no conjunto harmonioso desta obra-prima imortal. Só o homem fez dessa exceção um princípio (GOUGES, 2005, p. 151).

O questionamento inicial reflete na verdade uma afirmação crítica por trás dele no momento em que a autora questiona “sabes ser justo?” na verdade quer dizer que o homem é injusto. A pergunta tem caráter retórico e serve de mote para a argumentação contra a desigualdade entre os sexos. Assim, utiliza os signos de forma ideológica para expor seu ponto de vista.

Olympe de Gouges indaga se era válida a possibilidade de diferenciar o que não é diferente,

mas cooperativo em outros campos. Através desse documento, reflete as decepções geradas nas concepções tirânicas e coloca através da sua luta uma parte significativa da população, que por muitas vezes e por causa do seu gênero sofreu diferenças dentro de uma filosofia questionadora e irracional. Coloca com clareza homens e mulheres em igualdade, notadamente no primeiro artigo da sua Declaração: “Artigo I A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum.” (GOUGES, 2005, p. 151). O segundo artigo aponta que a resistência à opressão é um direito que se pode inferir como abrangente a mulheres e homens: “Artigo II O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem: Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.” (GOUGES, 2005, p. 151).

Toda sua indignação está refletida em suas palavras no posfácio da Declaração, ao afirmar:

Mulher acorda, o sino da razão se faz ouvir em todo o Universo. Reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismos, de superstições e de mentiras. A luz da verdade dissipou todas as nuvens da estupidez e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Uma vez livre, tornou-se injusto em relação à sua companheira (GOUGES, 2005, p. 152).

No que diz respeito à liberdade de expressão, Olympe de Gouges não somente eleva a mulher como agente expressivo de opiniões como indica nas suas declarações que os preconceitos sociais não devem deixar que a mulher seja impedida de se expressar. Ela denunciou os abusos do Antigo Regime, assim como os do novo, e lutou incansavelmente pela liberdade, pela justiça, pelos fracos, os oprimidos, as mulheres, mas também os negros, as mães solteiras, os filhos fora do casamento, as prostitutas, os desempregados - sugerindo a criação de oficinas nacionais para empregá-los. Ela atacou duramente Marat e Robespierre, que passaram a considerá-la “perigosa demais”.

Percebe-se que o adjetivo “perigosa” foi ressignificado, pois Olympe não possuía armas, não liderava nenhum exército, o perigo que ela representava está ligado à força das palavras, os sentidos

que seu discurso poderia provocar na condição de submissão das mulheres. Os líderes da Revolução sentiram-se ameaçados pelo significado valorativo dos signos enunciados por Olympe, conclamando as mulheres a assumirem papéis diferentes dos que lhes eram atribuídos pela tradição: mãe, esposa à sombra do homem. Assim: “Realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e, portanto, também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados.” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 45).

Denunciada pelo homem que afixava seus cartazes, foi presa na Ponte Saint-Michel e imediatamente encarcerada. De dentro da sua masmorra, demonstrou ainda coragem e não se calou, haja vista que fez chegar às ruas de Paris um último panfleto no qual descrevia as péssimas condições da prisão e jurava inocência. Sem direito à presença de um advogado, assumiu sua defesa. Lobo (2005, p. 151) afirma:

Coube a ela própria fazer a apelação argumentando que seus escritos filosóficos tinham preparado o caminho para a Revolução. Para ganhar tempo, também alegou estar doente depois grávida. Chamados a examiná-la, uma parteira e um médico constataram que a alegada gravidez era mais uma das trapaças daquela ‘mulher galante com um ego desmedido, perdida na política, uma histérica disposta a tudo para que se fale dela’.

Seus esforços para sair livre foram inúteis. No dia 2 de Novembro de 1793, às sete da manhã, foi julgada e condenada à morte pelo Tribunal Revolucionário. Na manhã de inverno do dia 03 de novembro, Olympe de Gouges subiu as escadas do patíbulo. Antes de morrer, afirmaria: “A mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna.” (CUTRUFFELI, 2009, p.12). Ela foi guilhotinada em 1793, como resultado de seu ativismo. Acreditava, no entanto, que os filhos da pátria vingariam sua morte. Ledo engano. Logo após a execução ocorre algo que ela jamais poderia imaginar. O jornalista e revolucionário Chal Mette escreveu no jornal *Le Moniteur* uma advertência a todas as mulheres: “lembrem-se de que a imprudente Olympe de Gouges, a primeira a instituir sociedades femininas, abandonando as tarefas domésticas para se imiscuir nos negócios da república, teve a cabeça cortada sobre o ferro vingador da leis.” (CUTRUFFELI, 2009, p.13).

Segundo Lobo (2005, p. 151), outro jornal da época conseguiu ser mais impiedoso – o *La Feuille Du Salut Public* escreveu: “Olympe de Gouges, que nasceu com uma imaginação exaltada, tomou seus delírios por inspiração da natureza. Queria ser um homem político ... A lei puniu esta conspiradora por ter esquecido as virtudes próprias de seu sexo.”

A tensão na relação homem/mulher chegou ao seu limite nesse caso. A posição que a mulher deveria ocupar é determinada pela ideologia do cotidiano que, segundo Bakhtin-Volóchinov ([1929]2006), é a atividade mental centrada na vida cotidiana, distinguindo-a dos sistemas ideológicos instituídos. Tal ideologia é considerada em níveis determinados pelo contato que mantém com tais sistemas, quanto mais próximos, mais organizados e sensíveis às ideologias constituídas. O distanciamento dessas lhe configuraria um caráter desordenado.

A figura de Olympe de Gouges ganhou importância com o passar do tempo, pois sua morte deu-lhe a conotação de mártir, semelhante aos homens que lutaram por causas sociais e morreram por um ideal, tanto que se transformou em heroína romanesca pelas mãos de Cutrufelli (2009) que publicou o romance histórico intitulado *Eu vivi por um sonho – os últimos dias de Olympe de Gouges, defensora dos direitos da mulher*. A representação de Olympe no romance é entrecortada por sua ideologia, visto que “o sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau ideólogo e suas palavras – ideologemas” (BAKHTIN, 2010, p. 135). Convertida em personagem, Olympe é a protagonista que fala de uma posição, de um lugar social, visto que: “O sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social, não dialeto individual.” (BAKHTIN, 2010, p. 135).

Assim como Olympe de Gouges enfrentou a opressão patriarcal em sua época, as personagens femininas de Jorge Amado também são marcadas pela violência e pela subjugação. Em *Gabriela, Cravo e Canela*, a protagonista sofre inúmeras situações relacionadas ao que hoje se entende por violência contra a mulher, sendo constantemente objetificada e tendo sua liberdade cerceada pelos homens da cidade, ainda que consiga, ao final, impor sua independência. Em *Tereza Batista Cansada de Guerra*, a violência é ainda mais explícita: a órfã é vendida pela tia a um fazendeiro pedófilo, e as

mulheres são tratadas como mercadoria sexual. *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Tieta do Agreste*, embora com tons distintos, também retratam a opressão e a violência simbólica sofrida pelas mulheres em uma sociedade patriarcal. Essas narrativas literárias, escritas nos séculos XX, ecoam a luta de Olympe de Gouges no século XVIII, demonstrando que a violência contra a mulher é uma constante histórica, atemporal e universal, que precisa ser combatida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos que circulam na sociedade veiculam ideologias, isto é, visões de mundo, crenças, formas de pensar sobre o mundo e sobre os homens, que manifestam de maneira mais ou menos explícitas interesses de variada ordem que dizem respeito aos sujeitos sociais.

A violência constitui uma prática recorrente na história da humanidade e a violência de gênero sempre vitimizou a mulher como uma sombra no horizonte da evolução da humanidade. A violência é o mal primeiro, a obscenidade primeira, pois o mal faz mal, pois o egoísmo corrompe tudo, é ávido, indelicado, brutal...

Combatendo a ideologia de exclusão, algumas mulheres se voltaram contra a discriminação sofrida. Entre elas destacou-se a francesa Marie Gouze (1748-1793). Ela adotou o nome de Olympe de Gouges e lutou por melhores condições para a mulher. Foi considerada perigosa e sua pena foi a decapitação em praça pública. Cumriu-se uma sentença contra uma mulher que buscou incluir nos ideais da Revolução Francesa a mulher. A França acenou para o mundo a esperança de uma vida mais justa e igualitária. Todavia, calou a voz da mulher que questionou o poder masculino. O seu legado é a resistência à burocracia do Estado e ao poder masculino.

O discurso de Olympe era carregado de sentidos que objetivavam a construção de um ideal de igualdade entre homens e mulheres, dando voz aos excluídos. Seu discurso, no entanto, foi esmagado pela ideologia da hegemonia masculina, visto que a ideologia é o sistema que atua como representação de uma sociedade e de um contexto elaborado a partir de referências construídas nas interações

e trocas simbólicas de determinados grupos sociais organizados (MIOTELLO, 2010, p. 176).

O discurso feminino no século XVIII foi abafado pelo discurso hegemônico masculino. A tentativa de Olympe de Gouges de dar voz aos excluídos e em especial à mulher foi calada brutalmente, mas a gênese da luta pela igualdade entre homens e mulheres foi gerada a partir da produção de Olympe.

As personagens de Jorge Amado – Flor, Tieta, Tereza e Gabriela – são arquétipos da resistência feminina. Cada uma, a seu modo, enfrenta a violência estrutural: Flor busca o equilíbrio entre a paixão violenta e a segurança; Tieta subverte a ordem moral retornando poderosa; Tereza cansa de guerra e enfrenta seus algozes; Gabriela vence pela astúcia e pela liberdade. Assim como Olympe, elas são silenciadas, mas suas histórias insistem em ecoar, provando que a palavra, mesmo calada, resiste. A guilhotina de Olympe e o linchamento moral de Tieta são faces da mesma moeda: a intolerância do patriarcado diante da mulher que ousa ocupar o espaço da palavra e da ação. A literatura, ao eternizar essas vozes, mantém acesa a chama da resistência que Olympe de Gouges acendeu em 1791. As personagens de Jorge Amado – Gabriela, Flor, Tieta e Tereza –, cada uma a seu modo, representam a resistência feminina em meio à opressão, revelando que a violência contra a mulher é uma ferida aberta que atravessa séculos e continentes, exigindo constante reflexão e combate. Assim, tanto na história quanto na literatura, a voz feminina insiste em se fazer ouvir, desafiando as estruturas de poder que insistem em silenciá-la.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Dona Flor e Seus Dois Maridos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. Gabriela, Cravo e Canela. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, Jorge. Tereza Batista Cansada de Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. Tieta do Agreste. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARDAILLON, D.; DEBERT, G. G. Quando a vítima é mulher: análise de julgamentos de crimes de estupro, espancamento e homicídio. Brasília: CNDM, 1987.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 2008.

BAKHTIN, M. Questões de literatura e estética. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CUTRUFELLI, Maria Rosa. Eu vivi por um sonho. São Paulo: Record, 2009.

FARACO, C. A. Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

GOUGES, O. de. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã. In: BONACCHI, G.; GROPPI, Â. (Org.). O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres. São Paulo: UNESP, 1995.

LOBO, M. Olympe de Gouges – uma libertária na Revolução Francesa. Revista Cláudia, São Paulo, ano 44, n. 4, p. 148-151, abr. 2005.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.